

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	10.º ANNO—VOLUME X—N.º 297  21 DE MARÇO 1887	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS. 4
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$500	1\$900	\$950	\$120		Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem) . . . . .	4\$000	2\$000	—\$—	—\$—		
Extranjeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	—\$—	—\$—		



CONDE DE VALENÇAS — DR. LUIZ LEITE PEREIRA JARDIM  
(Gravura de C. Alberto, segundo uma photographia de Camacho)





## CHRONICA OCCIDENTAL

Lisboa inteira tem passado estes oito dias d'ouvido á escuta.

Aquelle homem celebre da anodocta conhecida, que no meio de qualquer conversação, perguntava, «Não ouviram um tiro?» para, acrescentando logo: «A proposito de tiros...» impingir uma historia de caça, se fizesse agora a sua pergunta tradicional em qualquer sala de Lisboa, sobresaltaria immediatamante toda a gente, e ficaria sem auditorio para a sua historia.

O que toda a Lisboa hoje quer é ouvir um tiro, esse tiro tão anunciado, tão desejado, que hade participar á capital, que Portugal tem mais um principe ou uma princesa, e que os empregados publicos tem tres dias de feriado.

E ha dez dias que esses tiros são esperados ansiosamente, ha dez dias que uns foguetes de Damocles esperam pelas praças publicas o libertador morrião, e por enquanto nada de novo.

Todas as manhãs os lisboetas interrogam avidamente os jornaes, como o principe Paul da Grande Duchesse,

Tous les jours quand paraît l'aurore  
Est-ce aujourd'hui?

E a resposta é sempre a mesma:

Non... pas encore.

E os dias vão passando, e os rebates falsos vão-se succedendo, e quem quizer sobresaltar hoje a população não tem mais que fazer do que queimar uma girandola.

Ha dias, fez annos o rei d'Italia. Ao meio dia os navios de guerra deram as salvas do estylo.

Pois isso foi o bastante para alvoraçar toda a cidade.

— É princesa, é princesa! dizem uns sujeitos que andam muito mais em dia com a pragmatica da corte, do que com os annos dos soberanos da Europa: é princesa, vinte e um tiros, contei eu!

Nas repartições muitos amanuenses chegaram a tirar a manga d'alpaca... mas no fim de contas, tiveram de a envergar outra vez, á vista da implacavel folhinha.

E até agora, até ao momento em que escrevemos, *pas encore*.

Sua alteza a princesa D. Amelia passa magnificamente de saúde, o principesinho novo, ainda não se resolveu a vir receber o titulo de conde de Barcellos, e Lisboa inteira espera, com todo o interesse que lhe merece a gentil e virtuosa princesa, o momento de *sa delivrance*, tendo já preparados todos os festejos com que ha de solemnizar o nascimento do primeiro filho do enlace tão auspicioso d'estes dois principes tão estimados e tão sympathicos, enlace que ha um anno foi tão excepcionalmente festejado por todo o paiz.

Mais uma vez se provou que os divertimentos combinados com muita antecedencia, nunca dão resultado algum.

A *mi-carême* veio dar mais uma demonstração d'essa verdade.

Como todos sabem, e como nós aqui o noticiamos em tempo, na terça feira gorda, depois d'essa magnifica batalha de flores, que d'um momento para o outro se emprehendeu na Avenida, planeou se, combinou se, uma *reprise* a valer, d'esse divertimento elegante, novo entre nós, para quarta feira de meia quaresma.

A batalha de flores d'esse dia, deveria ser como que a primeira representação, de que a escaramuça florida de terça feira, teria sido o ensaio geral.

Pois a meia quaresma chegou: o sol que nas vespas andara a fazer negações, apresentou-se n'esse dia radiante, com um brilho desusado, como se tivesse vestido a sua *toilette* de gala para a festa annunciada: a Avenida encheu-se de gente, o dia estava um encanto: bello scenario, mas faltou o principal, a festa.

Da batalha de flores, d'essa batalha tão annunciada, tão planeada, tão fallada, nem sombras, e apenas o elegante *coupe* da sr.<sup>a</sup> marquiza do Fayal, atravessou as cinco horas a Avenida, enfeitado com quatro ou cinco pequenissimos *bouquets*.

E naturalmente, o sol tendo sido punctual ao *rendez-vous* marcado na terça feira gorda, e vendo

que o punctual fôra só elle, ficou de mau humor, e por isso se foi embora, mandando em seu lugar, umas nuvens escuras como a noite dos trovões e que despejaram sobre Lisboa nos dias immediatos, rios d'agua, fria como a neve, uma agua que parecia trazida da fonte bella do Gerez ou da bica detraz da capella do Bom Jesus do Monte.

E ha muito tempo que a primavera em Lisboa não é tão extravagante, tão exquisita, tão caprichosa como a d'este anno.

O tempo tem estado d'uma inconstancia de mulher bonita.

Tão depressa chove a potes como faz um sol d'escaldar: tão depressa Lisboa parece a Serra da Estrella pelo frio, como parece o Brazil pelo calor, e d'estas rapidas variantes de temperatura desabrocham doencas aos molhos, que felizmente na cidade não tem tomado caracter grave, mas que lá para a provincia tem assumido proposições assustadoras, como por exemplo em Coimbra onde os typhos fizeram já fechar a Universidade e o Lyceo, e em Braga onde as febres de mau caracter começam a tomar certo incremento perigoso, segundo as ultimas noticias.

É de esperar porem, que graças ás providencias que o governo tomé e que em cessando estas variações de temperatura, o estado sanitario melhora, os terrores desapareçam, e a provincia se prepare alegre e sadia para receber os seus *touristes* do verão, que se aproxima.

O theatro de S. Carlos, prestes a fechar as suas portas, alcançou um brilhante successo lyrico, o seu segundo grande successo da estação, com uma opera antiga.

E verdade que essa opera antiga é d'essas velhas que vallem bem muitas novas, uma verdadeira obra prima, um dos mais gloriosos monumentos lyricos da musica italiana — a *Norma* de Bellini.

Muitos dos frequentadores actuaes de S. Carlos — como nós por exemplo — não tinham na sua memoria reminiscencias das Normas gloriosas dos tempos antigos, e por isso a opera de Bellini era para elles quasi que uma opera nova, conhecida apenas pelos realceos da infancia, pelos pianos da adolescencia, pelos elogios da familia e por umas vagas reminiscencias longiquas da Fricci.

Ha poucos annos ainda, ha oito ou nove, a *Norma* cantou se em S. Carlos, mas foi uma vez ou duas, poucos a ouviram e mesmo aquelles que a ouviram não teem muito empenho em se lembrar d'ella porque nem a Cepeda era uma Norma para muitas recordações, nem a Borghi apesar da sua gentileza fez lá muita boa figura como Aldeghisa.

Ora eu não sei se nas Normas do passado houve muitas que valessem a Norma d'este anno, não tenho elementos para confrontos, mas o que eu posso afirmar é que por força eram grandes cantoras, tinham muito talento e muita arte, aquellas que poderam — apesar de todas as aureolas de glorificação que as saudades prestam ás reminiscencias de longos annos decorridos — pôr-se ao lado de Helena Theodorini.

A famosa prima dona da Gioconda, encontrou na Norma, que pela primeira vez cantou agora, uma das suas mais notaveis e brilhantes creações, uma d'essas creações poderosas, que tem um cunho hoje raro no mundo artistico — o cunho do genio. Não é só como cantora que a Theodorini é magnifica na *Norma*, e não é só como virtuose distinctissima que nós a admiramos na opera de Bellini, vocalizando com uma facilidade extrema, que rarissimamente se encontra n'uma cantora dramatica, é tambem como comediante eximia, como actriz extraordinaria, que nós a victoriamos assombrados.

A creação dramatica da Norma é uma obra prima d'arte de representar.

A accentuação dramatica de todas as suas phrases é magnifica; e sua expressão tragica admiravel, a sua plasticidade academica maravilhosa.

Aldeghisa foi a Bendazzi, e foi tambem uma Adeghisa notavel, digna d'aquella excellente Norma.

Desde o primeiro dia em que a sr.<sup>a</sup> Bendazzi cantou no palco de S. Carlos nós saudámos logo na gentil cantora um formoso talento artistico, que embora por vezes ainda hesitante, se denunciava brillantemente, com todos os promettimentos riquissimos d'uma radiante aurora.

Na *Norma* esse talento notavel accentuou-se muito mais senhor de si, affirmou-se já muito mais poderosamente e houve momentos em que Bendazzi realisou já completamente muitas das suas promessas feitas nas outras operas, em que a cantora celebre d'amanhã appareceu radiosa e triumphante na Aldeghisa de hoje.

As duas illustres cantoras Theodorini e Bendazzi tiveram repetidas chamadas, e calorosa ovação e transformaram n'um grande successo a *reprise* da *Norma*.

Infelizmente um incommodo de garganta da Theodorini, não permittiu ainda dar-se segunda representação da famosa opera de Bellini tão notavelmente interpretada.

A *Norma* assim cantada é opera para chamar grande concorrência ao theatro de S. Carlos e pena é ella ter sido cantada só no fim da epocha, quando o theatro está para fechar.

Apesar porém de estar a findar a estação lyrica, S. Carlos, antes de cerrar as suas operas, ainda nos dará uma opera nova: — *Simão Boccanegra* de Verdi, não o *Simão* que se cantou aqui ha annos, mas o *Simão Boccanegra* remanejado, refundido por Verdi, e que ha annos se cantou em Paris.

Essa opera, — a terceira opera nova que a empresa de S. Carlos nos dá este anno — será a opera d'*obbligo* da estação, e subirá á scena com vistas e guarda roupa todo novo.

E todas estas novidades ao fechar da porta, como que para deixar ainda mais saudades aos *dilletanti* de Lisboa.

Gervasio Lobato.



## CONDE DE VALENÇAS

Dr. Luiz Leite Pereira Jardim

Meu caro Caetano Alberto: — Ah! vão uns traços muito rápidos e mal acabados da biographia, que me pediu.

Não lhe lembro as difficuldades tão melindrosas, em que me envolveu, e que certamente não podem ser extranhas ao seu bom criterio, senão para mostrar que, sendo-me d'ellas, quero dar-lhe uma prova da minha particular estima, e do elevado apreço, em que tenho as suas qualidades de homem de bem, e de trabalhador infatigavel.

Seu amigo

Zephyrino Brandão.

Eu e Luiz Jardim, contávamos 11 annos de idade, quando frequentámos ambos as aulas do collegio de S. Bento, em Coimbra. Data d'essa epocha a nossa amizade, nunca interrompida até hoje.

Entrámos depois na Universidade, onde tivemos por mestre, no primeiro anno, o honrado lente de chimica inorganica — o qual mais tarde me leccionou igualmente em mineralogia e geologia, no quinto anno philosophico — o sr. visconde de Monte-São, pae de Luiz Jardim.

Eu continuei, cursando as aulas de sciencias naturaes, e o meu condiscipulo foi matricular-se na Faculdade de Direito. Embora applicados a estudos diferentes, não poderam estes separar-nos da nossa convivencia intima.

Na casa sempre hospitaleira e franca de seus paes, a quem não posso referir-me nunca sem prestar-lhes o tributo do meu respeito muito cordial e muito grato; nas formosas quintas de Monte-São; na celebrada *Lapa dos Esteios*; na historica *Fonte dos Amores*; nos viçosos laranjeiros e olivados, que, povoando um extenso valle, ensombram, aqui e além, cascas alvejantes e alegres, e dos quaes está a cavalleiro o eterno *Penedo da Saudade*; no pittoresco *Penedo da Meditação*; nos bailes de Adriaõ Forjaz, o nosso austero lente de Economia Politica, n'esses animados bailes, em que se davam as mãos a mais rigorosa etiqueta e a ineffavel franqueza provinciana; em Condeixa, em Taveiro, em Cellas, no Porto, no Luso, no Bussaco, na Figueira; emfim nas poeticas margens do nosso querido Mondego; passámos juntos, eu e Luiz Jardim, os melhores dias da nossa puericia e da nossa juventude.

Liamos romances, publicávamos versos, escreviamos contos amorosos, e tambem estudávamos, e tambem riamos, e tambem folgávamos com aquella alegria innocente e descuidada, que nunca mais se encontra no caminho da vida, quando esta começa de abater nos o animo com o peso das suas tristes realidades.

Eu descrevia em folhetins, no *Conimbricense*, n'esse interessante periodico, do qual é redactor ainda e proprietario o erudito publicista, sr. Joaquim Martins de Carvalho, as brillhantes festas dadas pelos illustres viscondes de Taveiro, na sua







logar a uma demanda por parte da esposa de David Negro em seu nome e no de seus filhos, demanda que se prolongou pelo espaço de nove annos, terminando em 1393 por uma composição, em que os herdeiros de David Negro ficaram com o referido palacio e mais bens existentes em Almada.

O condestavel comprou depois esta propriedade, e para ella foi viver durante o tempo em que as intrigas que o indispozeram com o rei, estiveram a ponto de o fazerem perder todas as doações e regalias adquiridas.

Em 29 de setembro de 1403 fez-se a reconciliação entre o monarcha e o condestavel, e quasi um anno depois, a 28 de Julho de 1404, D. Nuno Alvares Pereira fez doação d'esta propriedade, bem como de outros bens, á ordem de Santa Maria do Carmo.

Foi depois d'esta doação que o palacio e quinta da Penha passou a denominar-se do Alfeite.

Em 1607 foi incorporado na casa do infante por D. Pedro II, este palacio e quinta, D. João V,

D. Maria I, e D. Miguel de Bragança accrescentaram esta propriedade com quintas que compraram e reuniram á do Alfeite, ficando assim composta das quintas da Romeira, Piedade, Outeiro,

Quintinha, Antelmo e Bomba, da vinha do Pagador, Lagôa de Albufeira, pinhaes de Curroios, e do Cabral, e os moinhos de Galvão, Passagem, Capitão e Torre.

A rainha D. Maria II fez doação do palacio do Alfeite ao sr. conde de Thomar, hoje marquez do mesmo titulo, mas esta doação foi annullada pelas côrtes.

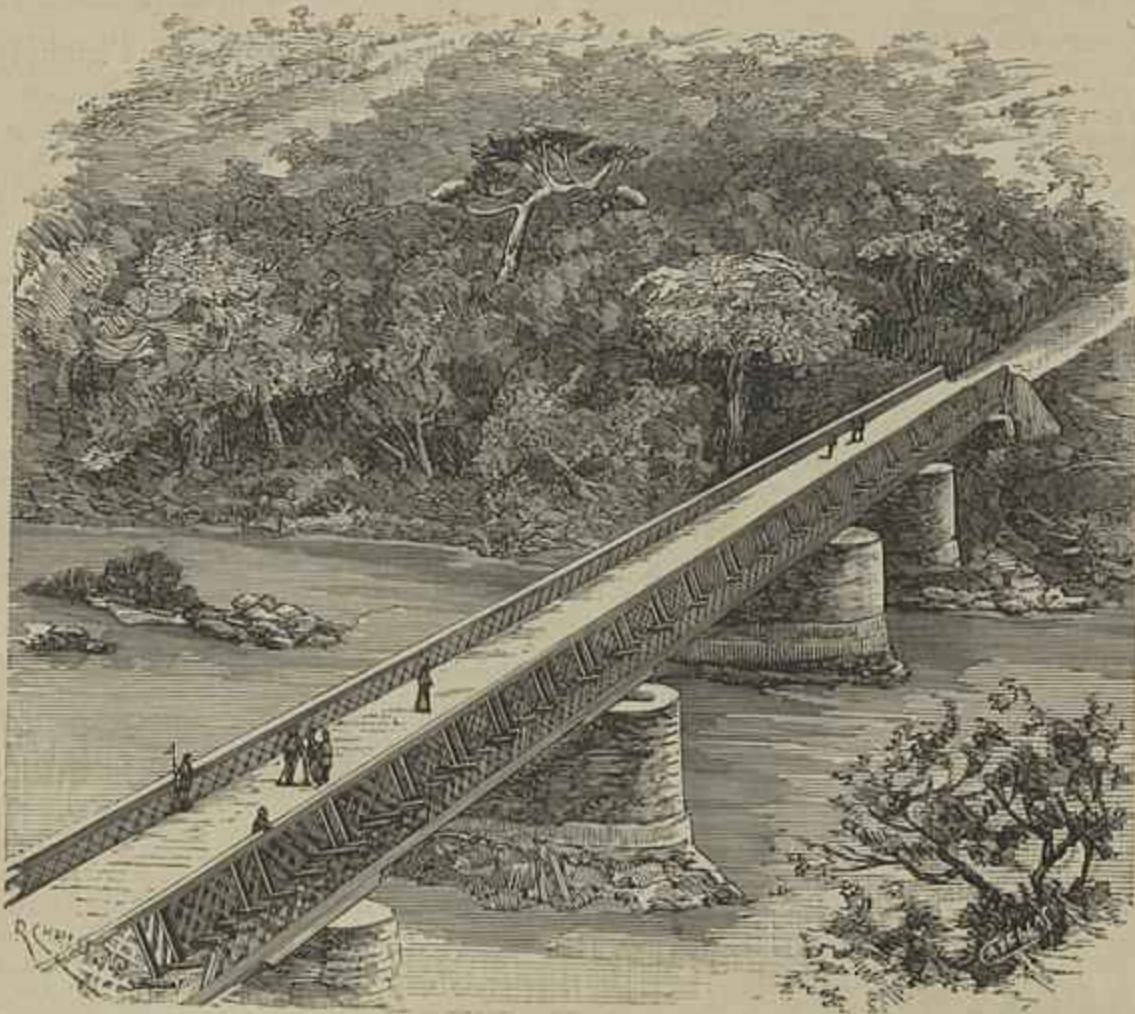
O palacio que a nossa gravura apresenta não é aquelle de que acabamos de fallar, mas uma nova edificação elegante e confortavel, mandado fazer por el-rei D. Pedro V.

Esta edificação construida no meio da quinta do Alfeite é uma das vivendas reaes mais encantadoras, embora de acanhadas proporções.

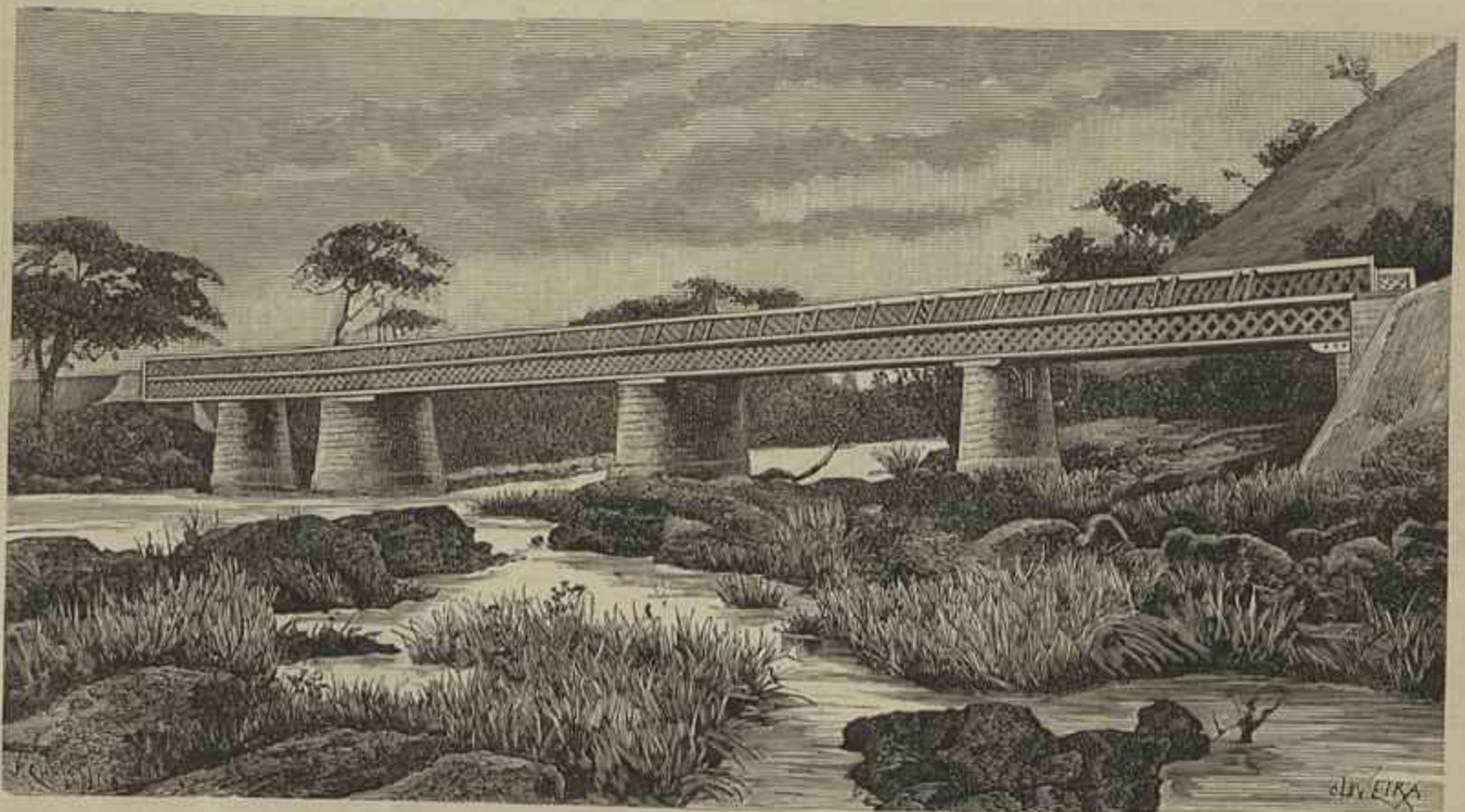
Fizeram-se ultimamente n'este palacio varias obras no sentido de o preparar, para hospadagem dos srs. condes de Paris, hospadagem que não se realisou alli, porque suas altezas hospedaram-se no Grand Hotel Central.

#### A ESPINGARDA «MAUSER»

A espingarda denominada «Mauser», ultimamente adoptada no exercito allemão, foi apresentada pelo seu auctor a primeira vez em 1871, e sujeita á apreciação da *Escola allemã de tiro*, soffreu sensiveis modificações, sendo-lhe adicionado um machinismo de repetição, o que tudo ficou approved em 1884, depois de repetidas experiencias.



AFRICA PORTUGUEZA — PONTE PINHEIRO CHAGAS RECENTEMENTE CONSTRUIDA SOBRE O RIO LUCALLA  
1.ª VISTA (Segundo uma photographia de J. R. Pavão)



AFRICA PORTUGUEZA — PONTE PINHEIRO CHAGAS RECENTEMENTE CONSTRUIDA SOBRE O RIO LUCALLA — 2.ª VISTA  
(Segundo uma photographia de J. R. Pavão)







joven ministro coberto de benções por todo o funcionalismo, que nunca mais encontrara no principio dos mezes cerradas as portas da Pagadoria.

O orçamento que Fontes apresentava para 1852-1853 calculava em números redondos 10:000 contos de receita; trinta e cinco annos depois, graças ao enorme impulso que o seu genio imprimiu ao paiz, a receita do orçamento anda por 30:000 contos!

Mas era incansavel a sua actividade. Adjudicava-se a uma companhia a construção das duas linhas de Norte e Leste, remodelava-se a circumscripção do municipio de Lisboa, reformava-se a velha alfandega das Sete Casas, passava a constituir receita normal do Estado o producto da venda dos bens nacionaes, que até então constituia fundo de amortisação, instituia-se uma commissão de pautas, supprimia-se uma alluvião de impostos, que todos se refundiam na contribuição predial de tão importante rendimento.

Logo em seguida creava-se o ministerio das obras publicas, e, como era natural, ia Fontes gerir essa nova pasta. Immediatamente se tomaram providencias de immenso alcance, cujos resultados já hoje conhecemos. Creava-se o Instituto Industrial, creavam-se as quintas regionaes de agricultura, gastavam-se n'um anno 413 contos em conservação, reparação e conclusão de estradas. Havia uns poucos de annos que esses trabalhos estavam suspensos, de forma que as estradas que existiam achavam-se intransitaveis. Circulava em todo o paiz uma vida nova. Os que se mostravam ao principio adversos ao ministerio, mas que eram homens de boa fé, arrastados pelo entusiasmo que a todos inspirava este movimento, esta resurreição da actividade portugueza, vinham trazer-lhe as suas adhesões. O applauso ardente, sincero e franco de José Estevão, foi uma das mais suaves recompensas que o joven ministro alcançou.

Mas Fontes tinha muitas vezes que defender na camara os seus actos contra os protestos da rotina. O caminho de ferro do Porto levantou muitas resistencias. Achavam que o paiz só precisava de um caminho de ferro. «Pois a mim! respondia Fontes energicamente, custa-me a contentar-me com dois!» E, defendendo o caminho de ferro do Porto, exclamava com um entusiasmo, que os resultados não tardaram a justificar brilhantemente: «O caminho de ferro entre Lisbon e Porto ha de ser um grande elemento de riqueza nacional. Quando se fizer, ha de ir restituir, deixe-se-me assim dizer, ás classes productoras aquillo que ellas gastam extraordinariamente no transporte, e que vem sobrecarregar a mercaderia até ao foco do consumo.»

Proseguindo nas suas reformas importantissimas, completava Fontes a sua organisação do ensino da agricultura, creando o Instituto Agrícola, como creara o Instituto Industrial. Em tudo quanto temos de util e de grande, modernamento creado, se encontra a iniciativa de Fontes Pereira de Mello. Creou elle também o conselho das obras publicas, de que é successora a actual junta consultiva, e escolheu para o comporem os homens mais importantes do paiz n'essa especialidade. Tres ainda estão vivos: são os srs. Joaquim Thomaz Lobo de Avila, hoje conde de Valbom, João Chrysostomo de Abreu e Sousa, e Caetano Alberto Maia.

Ha uma medida importantissima, que foi promulgada depois por um ministerio historico, mas em que também Fontes tomou a iniciativa. Oppuzeram-se á sua realisação difficuldades n'esse tempo insuperaveis, mas foi elle quem desbravou o terreno, e quem preparou o triumpho aos que depois conseguiram levar por diante a sua idéa. Fallamos da abolição do monopolio do tabaco. O projecto de lei foi apresentado pelo ministro em sessão de 7 de março de 1853:

«Unico dos privilegios odiosos que a restauração de 1833 não destruiu, dizia Fontes no notavel relatório que precedia esse projecto de lei, o monopolio do tabaco e do sabão ficou em pé com todos os seus inconvenientes antigos, e torna-se hoje mais intoleravel, porque as idéas e os costumes da epoca presente o combatem, e porque o espirito da civilisação triumphou de todos os outros obstaculos, que lhe impediam o caminho, e, vendo-se obrigada a parar diante d'este, como que se irrita e parece dar aos seus esforços um caracter que ás vezes pode confundir-se com uma lucta violenta e apaixonada...»

«O principio tão popular e tão fecundo da liberdade de trabalho é violado, porque o monopolio veda a todos os cultores o fabrico, a venda e o commercio do tabaco e do sabão, que, sendo livres, occupariam centenaes de braços, derramando por todo o reino um trabalho, uma riqueza que hoje se acham concentrados em um ponto

unico e em proporções estrictas, que com aquella liberdade tomarão um desenvolvimento extenso.»

O pensamento de Fontes Pereira de Mello não pôde executar-se, mas, se ao sr. conde de Valbom cabe a gloria incontestavel de ter supprido o monopolio do tabaco, a Fontes Pereira de Mello cabe a gloria também de ter sido elle o precursor, o ministro arrojado, que primeiro contiou na salutar influencia da liberdade. Registe-se este facto.

(Continua)

Pinheiro Chagas

## A TIA ANNA DOMINGAS

Era uma boa velhinha de sessenta invernos, cabellos nevados, mãos tremulas e um sorriso muito suave nos labios. O olhar vivo e alegre conservava ainda o brilho fugitivo da sua mocidade tranquilla vivida na aldeia pittoresca em que nascera.

E que linda a aldeia!

Pinheiras por todos os lados, descendo pelas encostas para os valles, e ella posta no dorso do monte, chaminés altas furando os tufos de verdura, alvejando de longe, o campanario da ermida com a sua cruzinha de ferro no topo, silvados floridos logo ao pé dos casaes, os apriscos pegados ás habitações de telha solta e paredes brancas de neve.

Nos arredores não havia outra mais garrida nem mais alegre.

Bom ar, bom sol, tudo bom! O sol não se fartava de ir ali todos os dias banhar-se nas sombras dos bosques, cerrados como os mysterios, silenciosos como as ruinas d'um templo antigo.

E os velhos envelheciam ainda mais, esquecidos da morte que parecia respeitá-los, pergaminhos encarquilhados que repetiam as tradições do logar aos novos rebentões que vinham todas as primaveras alegrar o povoado. A tia Anna Domingas era uma d'essas paginas vivas deixadas pelo tempo.

Uma santinha! — no dizer da gente do campo. Sã como um pero, rija que nem uma cachopa de vinte annos e boa como mais ninguém.

— Salve a Deus, tia Anna!

— Deus seja contigo, filha. E a tua obrigação?

— Mal, tia Anna, mal... O meu homem colheu umas sesões e agora venho eu da villa, de fallar com o *surjão*.

— Coitada da Francisca! Ora não há!

— E *vae ó depois*... sim, que a gente não *samos* ricos... ora vou-me a ver se vendo os brincos da cachopita para pagar a mezinha.

— Oh! mulher! lá isso não. Tem-te ahí, que a gente está no mundo para se ajudar uns aos outros. Ora anda cá dentro...

E pouco depois a Francisca saia de casa da tia Anna, os olhos cheios de lagrimas e a boca cheia de risos.

Era aquillo sempre: umas mãos rôtas para todos.

A Josepha do moinho estava doente...

Logo de manhãta os netos da tia Anna vinham acordar a avó, muito alvoroados: é que faltava a galinha grande, «a calçada».

Mas ella sorria-se com o seu sorriso ingenuo, n'uma grande admiração:

— Sim?! Deixem lá, filhos, deixem. Isso foi corvo que tinha fome e que levou o bichano para o ninho dos filhos...

E o sol enchia alegremente o quarto da tia Anna Domingas, em quanto na lareira da Josepha continuava fervendo a galinha roubada pelo corvo da vespera.

Quando morreu o Domingos da Eira, a tia Anna puxou pela Roza.

— Onde comem dois comem tres...

E a cachopa ficou em casa, tratada como filha, até que se casou.

Caçador que passasse na aldeia, viajante a quem a noite surpreendesse no caminho, todos vinham bater á porta do casal, onde havia sempre bom lume, ceia farta e cama limpa.

A tia Anna era chamada para tudo, consultada para tudo: festas de igreja, casamentos, baptisados, matança de porco pelo Natal. Quando ella entrava, os rapazes pediam-lhe a benção. Na capella havia um banquito para ella, ao pé do altar: ás lareiras davam-lhe sempre o melhor logar. Respeitavam-a como a um patriarca biblico, e, se adoecia, os visitantes acudiam ao casal, cheios de anciedade, aos magotes; e não lhe deixavam a porta de manhã á noite, perguntando noticias: nem que a tia Anna fosse um ministro de estado!

Quando ella ás tardes caminhava, no seu passo tropejo e vacillante, para a capella da aldeia, toda

a creançada do povoado, saia-lhe ao encontro, alegre de a ver.

— Olha a tia Anna Domingas!

— Sua benção, tia Anna!

E agarravam-se lhe á saia, pulando de contentes, rodeavam-a, seguiam-a, faziam alas e acompanhavam-a assim até á igreja, como em procissão.

E ella sorria-se, toda enlevada, bondosamente, affagando os pequeninos do povoado.

Na capella então era um encanto! A tia Anna ajoelhada; em torno todas aquellas cabecitas agrupadas; o crepusculo a cair, a cair; um grande silencio na igreja, uma luzita ao Santissimo... Depois um cantico singelo — a Salvé Rainh! — entoado por um cem numero de bocas rosadas, em quanto lá fóra, nos tojaes e nos sobreiros, a pas-sarada se aconchegava chilreando — bello concerto feito com vozes de creanças e ruidos de azas!

A saída a tia Anna era sempre esperada pelo sr. cura, um velhinho muito pallido e muito curvado.

E tinham ambos uma longa palestra, ao expirar dos crepusculos, todas as tardes, n'aquelle mesmo adro onde tantas vezes tinham brincado juntos. Mas ia já tão afastado esse tempo bom em que ella era uma rapariguita de dez annos, e elle um pequeno aldeão traquinas! Que bellas correrias por aquellas devezas fóra, tu para aquí, tu para allí, alem caio, acólá me levanto, em cata das bofetetas e das flores! Agora...

E ficavam-se parados, encarando-se, olhos nos olhos, com um sorriso desbotado de saudades e de recordações por esse poemeto com versos de oiro que não tornariam a ler, nunca mais...

Despediam-se então, movendo as cabeças branqueadas pelo tempo, n'um ar de resignação triste: — «Vae com Deus, mulher...»; «Fica-te com Elle, Antonio...» — ao passo que a pequenada contemplava em silencio o grupo dos dois velhos amigos, amigos desde a infancia, amigos ainda ao pé do tumulo.

Um dia a tia Anna Domingas caiu deveras; e á noite, sentindo-se mal, pediu que lhe fossem chamar o padre Antonio: queria confessar-se ainda uma vez.

Quando saiu de lá, o sr. cura vinha mais pallido, mais curvado, e trazia os olhos molhados. Affiançava-se até que elle não pregara olho em toda a noite: alguém que passou na azinhaga, ao romper da madrugada, vira luz na janella e uma sombra passando nos vidros, como de pessoa agitada que tivesse grandes maguas no coração.

A tia Anna morreu na tarde seguinte — um sabado. Nem lhe valeram as velas postas a arder ao altar da Virgem, na igrejita do logar.

Morreu...

A noticia correu logo. Os aldeões largaram o trabalho ainda antes de se pôr o sol; e pouco depois á porta do casal juntava-se o povo todo: mulheres com os filhos nos braços, raparigas que recolhiam das fazendas, velhos tremulos e creanças.

Tudo chorava. Foi um dia de luto...

Na outra manhã foi o enterro.

Ja a aldeia em peso.

Maior em meio.

O sol levantara-se ha pouco de traz dos pinheiros do nascente, batendo em cheio nas chapadas da Sapeira, quando o cortejo parou ao pé da *Oliveira dos defuntos*. Era ali que os camponezes poisavam os caixões quando vinham do logar para o cemiterio da villa, que ficava lá em baixo, na cava dos cerros.

Duas alas compridas de cachopas de cinco a dez annos precediam o esquife, levado por quatro rapazes dos mais robustos do logar. Logo no coice caminhava o sr. cura que tinha os olhos vermelhos de chorar, e mais atraz o povo todo.

Pararam.

No tronco carcomido da velha oliveira via-se uma cruz pequena de madeira tosca, enegrecida pelas invernias.

O caminho estreito apresentava-se ainda humido das ultimas chuvas: na lama burrenta, já secca, cavavam-se sóbroadas fundas e pégadas largas de rebordos quebradiços que se esboroavam. Dois renques de relva toda matizada de gotitas esphéricas de orvalho, que scintillavam como brilhantes, seguiam as beiras da azinhaga.

Pelos vallados, entre as piteiras esverdeadas, assomavam pequenas margaridas silvestres e aqui e ali, sobre as largas tiras de terreno em que os malmequeres poderiam colher-se aos punhados — alcantifas frescas de desenhos caprichosos — dor-



miam tranquillamente, pesadamente, as copas verde-negros dos olivedos.

No alto erguiam-se direitos, immoveis, em massa, os troncos escuros dos pinheiros, contornando os cabeços. O ar puro da manhã vinha impregnado do perfume acre das estevas. A passarada voava nos ramos fartos, enchendo a atmosphera de interminaveis chilreandas, alegres como risos; e aquella céu todo azul e sereno — abobada recuada d'uma grande cathedra — tinha a limpidez dos lagos desertos nas tardes de outono.

Nos espinheiros que orlavam o caminho enredavam-se montões de trepadeiras em flor. E os espinheiros vergavam no peso das espiraes de verdura, que pareciam abraçal os nas suas mil voltas tortuosas e inextricaveis; e a briza ligeira e suave como um beijo embalava de vagar aquelles diversos grupos de amantes perdidos na liberdade sadia das quebradas.

O velho padre sentou-se á beira do vallado, morto de fadiga — uma caminhada por aquelles declives tão asperos!

Mas foi. Era o seu ultimo adeus á morta que partia adiante. Quiz ainda uma vez ver a *Oliveira dos defuntos*, e aquelles plainos verdes, por onde saltara e correra, ha muito tempo, com aquella que ali dormia já e para sempre.

Que tristeza!  
Não iria mais longe: para que?  
Levantou-se, convulso, os braços pendidos, os labios tremulos.

— Vae, minha amiga... Deus te guarde lá em cima. Eu fico aqui esperando vez...

E calou-se, afogado em soluços. Em volta do esquife agrupavam-se os camponeses consternados mordendo os beiços para conterem as lagrimas, grossas como punhos e grandes como a dor que lhes ia dentro de alma.

— Vão, vão, meus filhos. Levem-a para a sua ultima morada. Eu volto para a minha ermida...

E ficou ali pregado, em pé, junto da velha oliveira, a cabeça descoberta, os cabellos, brancos como fios de linho, ondeando com a briza da manhã, banhado por uma reosta de sol que o espreitava de entre os ramos, em quanto o cortejo subia vagarosamente o monte da Sapeira para a *Encruzilhada dos quatro caminhos*.....

Dahi por instantes, saindo do cerrado dos arvores, ouvia-se ao longe um cantico singelo, a — *Salvé, Rainha!* entoado por vozes infantis, ao passo que um grande bando de passaritos voava chilreando, para o sul...

Um melro que pousara n'um galho nu de oliveira, inclinou curiosamente a cabecita negra, a escutar aquelle concerto feito com vozes de crianças e ruidos de azas...

Lorjô Tavares.



## ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

XXVII

A febre amarella e o dr. Domingos Freire — Gnde reside a consciencia — A vaccina contra o cancro — Cura de a diabetes — Contra a enxaqueca — Efeitos venenosos da colchicina — O sol destroe os microbios — Precautos hygienicos — Novo microtomo — As tempestades — Previsões do tempo — Observações solares

O sr. Trouessart, na *Revue scientifique* de 8 de Janeiro, faz justiça aos trabalhos do distincto medico brasileiro o dr. Domingos Freire, e sobre tudo aos seus livros intitulados *Doctrina microbiana da febre amarella e das suas inoculações preventivas*, e *Vaccina da febre amarella, resultados estatisticos*.

Como se sabe, o distincto clinico tinha já em 1880 publicado um livro sobre as causas, a natureza e o tratamento do terrivel morbo, que é actualmente endemico, tanto no golpho do Mexico, como no golpho da Guiné. Foi comtudo em 1883 que o governo brasileiro encarregou o dr. Domingos Freire de fazer novos estudos sobre a natureza dos microbios, suppostos causadores da febre amarella.

Este microbio é o *Cryptococcus xanthogenicus*, que se encontra em todos os orgãos dos individuos atacados. É xerobio como os globulos sanguineos e por isso trava uma lucta renhida pela existencia e na qual as hemattias succumbem quasi sempre. O sangue dos vasos capillares parece ser o seu logar de eleição. Cultivado segundo o methodo Pasteur, na temperatura de 38° ou 39°, transforma-se rapi-

damente. No liquido da cultura encontra-se um sedimento negro formado do envolvero das grandes cellulares reproductoras. O exame chimico prova que esses envolveros se transformaram em ptomainas. Os vomitos negros e as dejecções alvinas dos enfermos são corados com estes envolveros cellulares, que se transformaram n'essas substancias extremamente venenosas.

Como experiencia o dr. Domingos Freire inoculou o sangue contaminado a gallinhas e a pombas, sem que estes animaes se mostrassem atacados. Attribue-se á temperatura elevada propria ao sangue das aves — 42° — esta immunidad.

Eis como se prepara o liquido de cultura proprio ás inoculações preventivas. Injecta-se o sangue de um individuo, que succumbiu á febre amarella nas veias de um porco da India, e o sangue d'este n'um outro animal da mesma especie, e successivamente. Na 10.ª ou 12.ª geração do microbio primitivo, acha-se uma notavel diminuição de virulencia. A attenuação é devida aos novos meios que o microbio atravessa passando pelo organismo do porco da India e sendo depois cultivado em baloes esterilizados e contendo caldo de vacca, gelatino ou leite.

Todavia as culturas attenuam-se por si mesmas sob a influencia do ar e de tal modo diz o dr. Freire que um liquido primitivamente virulento pode ser inoculado sem perigo algumas horas depois.

Entre 1883 e 1884 epoca em que a febre amarella era flagicio tremendo no Rio de Janeiro, o dr. Freire vacinou 418 pessoas, e não sómentean-tes da epidemia, mas quando a epidemia se manifestava mais cruel.

N'esse espaço de tempo o numero de pessoas mortas do terrivel morbo sobe a 650, das quaes 577 eram estrangeiros e 73 brasileiros.

Dos 418 vaccinados pelo dr. Freire, 307 eram estrangeiros e o resto eram brasileiros foi atacado. Nenhum dos brasileiros vaccinados foi atacado.

Em 1885 os resultados obtidos não por meio da lanceta, mas pelo methodo hypodermico são muito favoraveis e senão veja-se que de 3051 pessoas vaccinadas, nenhuma succumbiu, emquanto o numero de obitos nas pessoas não vaccinadas subiu a 278.

— Se a uma rã ou se a um pombo lhe forem extrahidos os hemispherios cerebraes, estes pobres animaes sujeitos a tão barbara experiencia, sem morrerem immediatamente perdem a consciencia dos seus movimentos voluntarios. Assim se atiramos o pombo ao ar, este voará e a rã, se lhe tocarmos, nadará, mas executando esses movimentos como dois automatos — isto é, sem consciencia.

O sr. Steiner deduziu de varias experiencias o seguinte:

1.º Nos peixes os movimentos voluntarios e a facultade de se alimentarem espontaneamente — o que prova as sensações directas e reflexas — persistem depois da ablação dos dois hemispherios.

2.º Nos batrachios essas funcções estam ligadas aos dois hemispherios, excepto a visão, que se conserva depois da sua ablação.

3.º Nas aves a visão está ligada aos hemispherios, mas não á sensibilidade cutanea.

Conclue-se, pois que na serie dos vertebrados, as funcções do cerebro medio emigram pouco a pouco para os hemispherios, que se desenvolvem — ou então a evolução dos hemispherios baseia-se sobre a accumulção successiva, das funcções que pertenciam primeiro ao cerebro medio.

O dr. Domingos Freire demonstrou a natureza microbiana do cancro. Tendo examinado o sangue de uma mulher que soffria de um cancro, achou massas zoogleicas, as quaes se desenvolviam em caldo de gelatina entre 37° e 40° dando nascimento a bacillos arredondados nas extremidades e muito moveis, semelhantes aos bacillos da febre typhoide.

Para explicar a cachechia cancerosa o dr. Domingos Freire observou a urina dos atacados d'esta enfermidade e encontrou uma ptomaina extremamente venenosa para as aves, que matava no meio de symptomas convulsivos. Força é dizer que as urinas, ainda mesmo normaes, contem alcaloides venenosos.

Tendo inoculado varias culturas do microbio em aves, conseguiu alterar o virus canceroso, o qual inoculado depois em outros animaes, lhes deu a immunidad contra o virus forte.

Effectivamente se estes resultados são incontestaveis, terá o sr. dr. Domingos Freire tornado curavel uma enfermidade horrivel e bem merecida da humanidade.

Contra a diabetes saccharing empregou o dr. Villemín a belladonna associada ao opio, obtendo optimos resultados. As doses foram de 10 centigrammas de extracto de belladonna e 5 centigrammas de extracto de opium, doses que foram cle-

vadas a 20 centigrammas de cada substancia. Os doentes comiam de tudo, e o estado diabeticó apparecia sempre que deixavam de tomar a belladonna associada ao opio. O dr. Villemín, tendo ensaiado o brometo de potassio, a doença manifestou-se novamente.

— Contra a enxaqueca e cephalalgia, e finalmente contra as diversas dores de cabeça preconisa um medico de Nova York a *antigyrina* como analgesico.

Os efeitos therapenticos produzem-se no espaço de meia hora, sentindo o enfermo a sensação da vertigem e necessidade do somno que dura alguns instantes. Desde esse momento a desappareição da cephalalgia é constante.

— Com respeito á colchicina, alcaloide extrahido do *Colchicum autumnale*, Lim, são conclusões as experiencias dos srs. Mauret e Combe-male, e d'ellas se collige que:

1.º A colchicina é um veneno irritante, cuja acção se exerce sobre todos os orgãos, mas especialmente sobre o tubo digestivo e sobre os rins.

2.º A acção da colchicina é mais rapida pela via hypodermica que pela via estomacal.

4.º A colchicina elimina-se por diversos ementorios e em particular pelas urinas, mas essa eliminação é lenta e somente das doses não toxicas e relativamente fracas — 10 centimilligrammas por 1 kilogramma do peso do corpo — podem dar a morte no espaço de cinco dias.

5.º A colchicina congestiona as extremidades articulares e a medulla ossea, isto é, o tutano dos ossos.

6.º A colchicina diminue a quantidade de acido urico contida no sangue e produz uma irritação substitutiva ao nivel das superficies articulares; mas a sua accumulção no organismo e a grande toxicidade recommendam que, no seu emprego therapeutico, haja muita prudencia.

7.º O homem é tres vezes mais sensivel á acção d'este alcaloide do que o cão e o gato. A dose total para produzir a diurese é de 2 a 3 milligrammas, e a dose purgativa de 5 milligrammas.

— Os esporos do *bacillus anthracis*, isto é, do carbunculo, reunidos em pequena quantidade n'um caldo transparente e claro e expostos á acção dos raios solares — em junho e julho, em que o sol é mais forte — são destruidos em 2 ou 3 horas. O sr. Arloing tem continuado experiencias a este respeito, e ellas demonstram que o sol destroe realmente os esporos n'essa condição, mas conforme o meio liquido em que os esporos mergulham, assim a operação se realisa em menor ou maior espaço de tempo. Na agua o sol destroe tambem os esporos, mas precisa de mais tempo do que no caldo.

Sob o ponto de vista da hygiene são preciosas estas experiencias, pois que nos ensinam que ha vantagem em deixar expostos aos raios do sol, sem vegetação e sem abrigo, as regiões, onde os esporos dos micro-organismos se encontram na superficie do solo.

— Um *microtomo*, instrumento destinado a cortar camadas tenuissimas para as preparações microscopicas — ultimamente inventado e descripto no *Studies from the biological Laboratory of the John Hopkins University* — permite realisar series numerosas e regulares n'um mesmo tecido, podendo obter-se 100 cortes por minuto, de cinco millesimos de millimetro cada um, e que o proprio instrumento colloca n'um papel, em serie linear pela ordem como foram cortados.

— Das observações do sr. Lancaster, com respeito ás tempestades da Belgica pode-se concluir o seguinte sobre a previsão do tempo:

As tempestades dão-se sob a influencia da depressão barometrica, sendo mais frequentes entre 750 a 755 millimetros ao nivel do mar. As tempestades com altas pressões são raras.

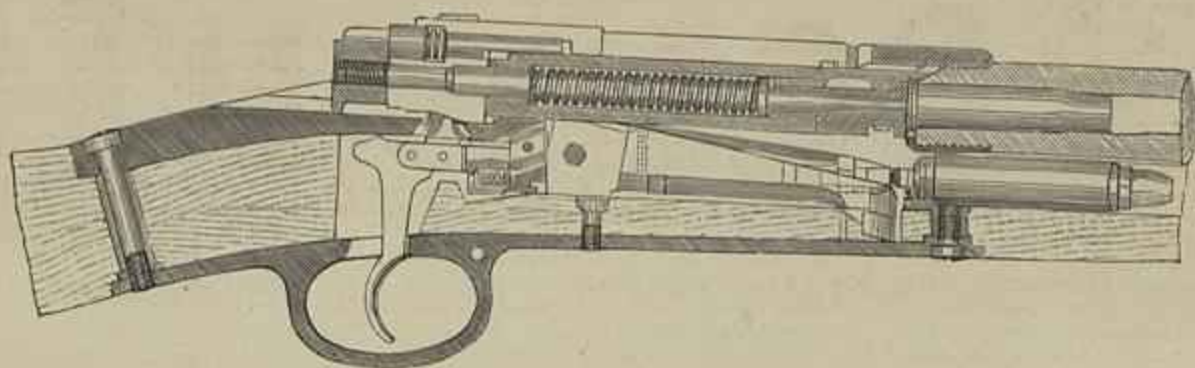
A producção da tempestade depende essencialmente de dois factores meteorologicos: a pressão atmospherica e a temperatura, e a circumstancia mais favoravel é uma temperatura elevada no momento em que existe uma depressão atmospherica. Uma temperatura elevada sem depressão ou uma depressão sem temperatura elevada não produzem tempestade.

Um gradiente, isto é, a differença de pressão avaliada em millimetros e por grau geographico, entre um dado ponto e o centro de depressão ou do anticyclone mais proximo d'esse logar — quando é fraco, favorece a producção das tempestades.

— Com respeito ao sol, as observações feitas no anno passado, pelo sr. Tacchini, conduzem ás seguintes conclusões:

1.º As erupções, os grupos de manchas e de faculas solares foram mais frequentes no hemispherio austral do sol, emquanto que as protuberan-





A NOVA ESPINGARCA DE REPETIÇÃO «MAUSER» ADOPTADA NO EXERCITO ALLEMÃO

cias hydrogenicas são mais numerosas ao norte do equador.

2.º As protuberancias solares figuram em todas as zonas, enquanto que os outros phenomenos se acham quasi inteiramente contidos entre o equador e 40º ao sul e ao norte, como no anno de 1885.

3.º As faculas, as manchas e as erupções solares apresentam um accordo notado para com as zonas do maximo da frequencia entre  $\pm 20^\circ$ .

4.º As zonas do maximo da frequencia das protuberancias não correspondem com as que dizem respeito aos outros phenomenos, porque as protuberancias apresentam duas maximas em latitudes mais elevadas.

5.º As faculas tem maior frequencia no hemispherio austral, assim como as manchas e as erupções, enquanto que para com as protuberancias ha frequencia quasi igual ao norte e ao sul do equador.

João de Mendonça.



## RESENHA NOTICIOSA

**MUNKACSZY.** Este celebre pintor húngaro, hoje um dos mais reputados da Europa, que vende os seus quadros a cem contos de réis como ultimamente vendeu o seu quadro *Christo diante de Pilatos*, acaba de ter encomenda de um grande quadro destinado a decorar o tecto do muzeu de artes de Vienna, o qual deverá estar concluido em tres annos e custará 50,000 florins, cerca de 25,000,000 réis.

**FABRICA NACIONAL DE PIANOS.** Fundou-se em Lisboa uma empresa para a fabricaçào e venda de pianos e outros instrumentos muzicos. O seu capital é de 50,000,000 réis dividido em 5 series de 10,000,000 réis cada uma representada por 200 acções de 50,000 réis.

**NAUFRAGIO.** Naufragou em Vigo o paquete *Valparaiso*, da carreira do Brazil. Salvaram-se todas as pessoas que vinham a bordo e as mallas. Enquanto a carga e casco considera-se perdido, apesar das diligencias que se tem feito para salvar alguma coisa.

**ARCHEOLOGIA.** Proximo de Butte-Montmartre em Paris, fez-se uma importante descoberta archeologica. Numas excavações a que se procedeu encontraram-se muitos esqueletos humanos, que estavam enterrados a pouca profundidade e voltados para o oriente. Ao lado de cada esqueleto via-se um vaso de barro amarello, dos seculos XIV e XV sem tampa, contendo algum caryão que se supõe seria para queimar incenso. Viam-se tambem alguns fragmentos de madeira pertencentes aos caixões em que deviam estar os esqueletos. Foram mais encontradas algumas sepulturas de gesso com cruzes differentes e monogrammas de Christo em forma circular. N'estas sepulturas, que deverão pertencer aos merovingios, encontraram-se alguns pingentes de ouro em forma polyedrica, colares de contas de vidro de diversas cores e algumas moedas de bronze. Parece que estes achados poderão elucidar bastante sobre a historia do *Monte dos Martyres*.

O SEPTENATO MILITAR NA ALLEMANHA. O novo parlamento allemão acaba de approvar por 223

votos contra 48 o septenato militar proposto por Bismarck. Depois d'esta votação, e segundo as declarações do chanceller do imperio, é de esperar que a paz seja mantida.

**SALVA-VIDAS RELVAS.** O sr. Carlos Relvas enviou á *Exposition internationale de la santé en Lyon* um modelo do seu salva-vidas de que em fins de 1883 se fizeram experiencias no Douro com os melhores resultados. Nesta exposiçào, onde figuraram muitos aparelhos de salvaçào, tanto de incendios como de naufragios, obteve o sr. Carlos Relvas o grande diploma de honra, grande medalla de ouro, e insignia especial da mesma exposiçào. Folgamos que um jury estrangeiro reconhecesse as vantagens de tão util e humanitario invento, concedendo-lhe o mais honroso premio de que dispunha. O OCCIDENTE publicou em o seu n.º 183, correspondente a 21 de janeiro de 1884, os desenhos d'este salva-vidas e da experiencia feita no Douro.

**ESTATUAS PARA O CONVENTO DA BATALHA.** O distincto artista sr. Vieira concluiu os modelos das estatuas dos apóstolos destinadas ao frontespicio do convento da Batalha. Estes modelos estão sendo executados em pedra nas officinas do sr. Rato.

**ATTENTADO CONTRA O CZAR.** Os telegrammas do dia 15 trouxeram a noticia da descoberta de um novo attentado contra a vida do czar. Diz-se que os conspiradores pertencem ao alto funcionalismo e que o seu proposito não era precisamente assassinar o imperador, mas obrigar-o a outhorgar uma constituição ou a abdicar. Houve muitas prisões.

**CONCURSO SCIENTIFICO.** A sociedade hespanhola de hydrologia medica abriu um concurso com os seguintes premios: Um premio de 250 pesetas, um accessit e titulo de socio correspondente á melhor memoria a respeito da *tuberculosis pulmonar y su tratamiento hidromineral y calcinoloterapico*. Outro premio igual ao auctor da melhor memoria sobre *Instalaciones balneoterapicas, fundamentos scientificos de las mismas, variaciones de las instalaciones segun la naturaleza y composicion de las aguas*. Estas memorias podem ser escriptas em hespanhol, francez ou portuguez, e devem ser enviadas á referida sociedade, Costanilla de los Angeles 13 Madrid, até 29 de novembro de 1888.

**PAULO FÉVAL.** Falleceu em Paris Paulo Féval, o grande romancista francez, cuja maioria dos seus romances tem sido traduzidos em portuguez.

**CORRIDAS AEROSTATICAS.** O general inglez Brine um dos mais conhecidos aeronautas, vae organizar uma corrida de balões entre a costa de Inglaterra e a França. O aerostato que mais rapidamente realisar a travessia do Mancha e que primeiro pousar em terra franceza, ganhará um importante premio.



## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

P. L. M., por Xavier de Montepin, traducção de Cunha e Sá. David Corazzi editor, Lisboa. É o primeiro volume que temos presente, e a obra deve constar de seis volumes, illustrados com chromo-lythographias, aguarellas de Manuel de

Macedo reproduzidas na lythographia de Justino Guedes. Este romance está tendo grande acceptaçào, plenamente justificada pelo nome do seu auctor, um dos mestres da litteratura romantica franceza.

**Historia da Revolução Portugueza de 1820,** por José d'Arriaga, Lopes & C.ª Successores de Clavel & C.ª, editores, Porto. Sessenta annos depois da revolução portugueza, que iniciou a grande transformação por que tem passado Portugal, o apparecimento de uma historia escripta d'essa revolução não pôde deixar de interessar o publico portuguez, tanto mais quanto a respeito de tal facto e epoca tão pouco ou nada se tem escripto ou publicado. A historia do sr. José d'Arriaga vem, portanto, prehencher uma grande lacuna, e prehenche-a brilhantemente. Não é a phantasia do historiador mas os documentos e as investigações trabalhosas que distinguem o trabalho do sr. José d'Arriaga. Poderemos não estar de accordo em alguns pontos, sobre a maneira porque o auctor aprecia alguns d'estes documentos e, portanto, das conclusões que d'elles tira, isto, porem, é simplesmente uma opinião, porque de resto o trabalho do sr. Arriaga ali está a afirmar-se possantemente e a enriquecer a litteratura portugueza com uma obra das mais importantes que modernamente se tem produzido. Com respeito á edição já nos temos referido com o louvor que merece, e os dez fasciculos publicados, onde já se conta um bom numero de retratos, confirmam plenamente o que a seu respeito temos dito.

**Estatistica dos impostos que no anno de 1884-1885, pertenciam á antiga secção do real d'agua, e que hoje são da competencia da terceira repartição da administração geral das alfandegas,** por Manuel Tavares de Medeiros, chefe da terceira repartição geral das alfandegas e contribuições indirectas, Imprensa Nacional, Lisboa, 1887. É o primeiro trabalho de estatistica d'este genero que se faz n'esta repartição, mas apesar d'isso é já bastante desenvolvido, o que honra sobre modo o sr. Medeiros, que teve de elaborar o seu trabalho sobre elementos disperssos e mal preparados para este fim.

**Diccionario encyclopedico portuguez illustrado.** Temos recebido até a folha 24 d'este diccionario, obra que se recommenda pela sua conscição, clareza e perfeita definição das palavras, o que á primeira vista pareceria um elogio banal, se o mesmo se podesse dizer de muitos dictionarios que por ali correm mundo.

**Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa.** N.ºs 7 e 8 da 6.ª serie, contendo: *Boa-Vista*, relatório do serviço de saude na ilha de Boa-Vista, referido ao anno de 1885; *As Estações Zoologicas*, por Augusto Nobre; *O Porto de Lourenço Marques; Novas jornadas de Silva Porto; Trabalhos em Africa; Missão Portugueza no Congo; O Cholera Morbus*, conferencia na sala da Sociedade de Geographia de Lisboa, nos dias 20 e 21 de junho de 1886, por A. Cesario d'Abreu, e actas das sessões de 16 de janeiro, 1 de fevereiro, 1 de março, 7 e 20 de abril, 3 de maio e 7 de junho, todas de 1886.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Typ. ELZEVIRIANA.—Rua do Instituto Industrial, 23 a 31 — Lisboa.